

Reedições de Nabuco por seus prefácios

Nabuco, Joaquim. *Essencial: Joaquim Nabuco*. Organização e introdução de Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 632 p.

_____. *Minha formação*. Apresentação de Alfredo Bosi. São Paulo: Editora 34, 2012. 288 p.

_____. *Joaquim Nabuco: correspondente internacional*. Organização de José Murilo de Carvalho, Leslie Bethell e Cícero Sandroni. Prefácios de José Murilo de Carvalho, Leslie Bethell, Cícero Sandroni e Adriana Mirel Clavijo. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: abr, 2013. (2 vol.)

Vencido o primeiro centenário da morte de Joaquim Nabuco, conviria averiguar qual o balanço possível de sua figura após a virada do milênio, quando sua obra volta a despertar interesse no público leitor sob nova perspectiva, já que os condicionamentos históricos atuais são muito diversos dos vivenciados pelo abolicionista. Devido ao caráter polígrafo do autor, esta apreciação se pauta pela exploração de suas reedições mais recentes no que se destaca dos respectivos textos introdutórios, quer sejam nomeados como introdução, apresentação ou qualquer outro título. Aqui todos estes textos serão considerados como prefácios, porquanto antecedem a reprodução das obras, ainda que como obras tomemos duas coletâneas organizadas postumamente — *Essencial: Joaquim Nabuco* e *Joaquim Nabuco: correspondente internacional* e um livro publicado sob o título *Minha formação*, embora também seja uma coleção de capítulos escritos e publicados esparsamente. A coincidência interessa na medida em que a leitura de Joaquim Nabuco tem sido alvo de abordagem mais política do que social e muito mais histórica do que literária. A apresentação do escritor, político e diplomata pelo crivo literário indicaria, pois, uma sinalização contrária a este movimento, uma vez que sua apreciação tende a uma perspectiva bem marcada, haja vista que cumpre considerar as circunstâncias históricas e sociais que animaram sua vida e sua escritura.

Para tanto, basta lembrar o papel crucial que Joaquim Nabuco exerceu por ocasião da fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), da qual veio a ser o primeiro secretário, não por acaso, já que as quatro vezes anteriores que Machado de Assis tentara, com outros correligionários, foram fracassadas; a irradiação da ideia abolicionista no Brasil e no exterior teve sua colaboração nos jornais; sua atuação pública ora como político ora como diplomata também foi mediada por discursos, panfletos e ensaios que intervieram na ordem do dia e que se tornaram obras de referência, muito embora

seja com a pena de historiador e de memorialista que seus textos ganharam maior notoriedade. Seja por uma razão ou por outra, pelo fraseado tragado de sua memória ou pelo escrito que visava a interferir na vida social brasileira e que trazia consigo um forte cunho retórico, Joaquim Nabuco desenvolveu, praticou e forjou um estilo de escrita incomum no oitocentos brasileiro.

Por mais paradoxal que pareça, os predicados do orador, do escritor e do homem Joaquim Nabuco — fosse público ou privado — no mais das vezes depuseram contra sua imagem, a despeito de seu desempenho e dos resultados obtidos. Daí a estranheza de ele não ter se convertido em modelo retórico ou literário, o que se explica, em parte, pela sua adesão inconfidente à monarquia, mesmo depois de proclamada a república, e também pelo seu perfil cosmopolita, que não servia a discursos de afirmação nacional tal como os que tiveram grande voga na primeira metade do século xx e ainda ressoam entre nós. Talvez agora já tenhamos elementos e interesses suficientes para retomar sua produção e aferir seu poder de comunicação, para talvez a avaliarmos melhor e, quem sabe, tirarmos algum proveito seja de sua intervenção na política, na cultura ou na vida social brasileiras. Senão, vejamos: a começar seguindo a ordem de publicação dos três volumes publicados, o primeiro a ser considerado é o *Essencial: Joaquim Nabuco* — organizado e prefaciado por Evaldo Cabral de Mello — sob o selo da Companhia das Letras. Decerto este é o caso evidente da edição de homenagem, dos cem anos de sua morte, em 2010, visto que o historiador já tinha apresentado suas obras mais reconhecidas, *Um estadista do império*¹ e *Minha formação*,² quando foram publicadas pela Topbooks na década de 1990, e também havia sido o responsável pela criteriosa organização e anotação de seus *Diários*,³ livro publicado no ano de 2006.

O prefaciador confessa que o critério de organização do volume seguiu o propósito de privilegiar no autor o seu perfil de abolicionista, de escritor político e de historiador, devido à interligação entre as áreas e também porque Joaquim Nabuco sobrevive principalmente devido à sua atuação de reformador social e político como

1. NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império*. 5. ed. Prefácio de Raymundo Faoro. Posfácio de Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. 2 vols.

2. Id. *Minha formação*. 13^o ed. Prefácio de Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, 256 p.

3. Id. *Diários*. 2. ed. Edição, prefácio e notas de Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006, 780 p.

também pela sua “faina historiográfica”. Assim, tornaria explícito qual o interesse no escritor atualmente e a inter-relação das esferas de sua produção literária. Acontece que poucos são os seus leitores que confrontam e aferem os seus escritos entre si, seja *Minha formação* diante de *Um estadista do império* ou *O abolicionismo* diante de *A escravidão*. De maneira que a opção do organizador, perfeitamente legítima e ponderada, é a que ele mesmo produz e assume, sem simular qualquer imparcialidade nas suas escolhas ou essencialidade da obra, apesar da reivindicação do título: *Essencial*. Ao invés, a essência, no caso, se configuraria através do que se apresenta circunstancialmente com maior valor substancial, o que é bem adequado ao autor em foco.

Então o organizador do livro vai discriminando as circunstâncias de formulação de cada uma das obras enfileiradas naquele volume, partindo do capítulo “Massangana” do livro *Minha formação* e passando pelos capítulos de *O abolicionismo*, bem como por alguns discursos da *Campanha abolicionista no Recife*, para chegar aos opúsculos que só agora foram reeditados, a saber, “O erro do imperador” e “O eclipse do abolicionismo”. A partir daí, o foco se volta para os escritos políticos e historiográficos, destacando trechos dos seguintes volumes: *Balmaceda*, *A intervenção estrangeira* e *Um estadista do império*. O curioso é que, a despeito da diferença dos assuntos narrados entre si, o prefaciador consegue ver suas articulações, a exemplo de quando diz: “é impossível repassar as páginas de *Balmaceda* abstraindo as preocupações do autor sobre o destino das instituições representativas no Brasil, na esteira do golpe militar de 1889 e da ditadura que se seguiu”.⁴ Se tal vínculo se dá pela circunstância da leitura confrontada do *Balmaceda* com *A intervenção estrangeira*, de igual modo acontece quando se coloca *Um estadista do império* como termo de comparação entre as obras, inclusive pela coincidência no tempo de concepção e execução de ambas. E encerra a coletânea com as conferências de Joaquim Nabuco como embaixador nos Estados Unidos, que, a princípio, também podem ser lidas como contrapartes dos seus demais escritos.

Conforme a ordem de publicação, em 2012 houve uma reedição de *Minha formação*, pela Editora 34, prefaciada pelo crítico literário Alfredo Bosi. Aliás, é bem simpática a apresentação de Joaquim Nabuco ali feita, não só por respeitar o percurso editorial da obra, inseri-la num contexto e numa tradição, e por dispor do universo de formação do homem Joaquim Nabuco, mas sobretudo por apresentá-lo nas circunstâncias de suas

4. MELLO, Evaldo Cabral de. “Introdução”. In: NABUCO, Joaquim. *Essencial: Joaquim Nabuco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14.

contradições. Porém, não deixará de causar estranhamento que seu prefácio faça tanta remissão à tradição de pensamento germânica, que inicia com Nietzsche e Gadamer, passando por Dilthey para ecoar num Habermas, embora o próprio Nabuco nunca tenha sido lá muito afeito aos alemães nem tenha tido muito contato com eles em vida ou em pensamento, ao contrário dos ingleses e dos franceses.

A dificuldade de explicar a opção do crítico talvez se deva ao fato de que a leitura de Joaquim Nabuco tem sido ostensivamente orientada por vieses afins à literatura, mas que lhe são exteriores. E a pretexto de se conformar à sua fortuna crítica, o literato tenha se permitido abordar o horizonte de pensamento nabuquiano, acionando outras matrizes, mas sem nuançar o que há de estritamente literário nos textos de Joaquim Nabuco. Ora, quando se lança mão das formulações propostas pelo abolicionista para resolver problemas da nossa esfera política, esbarra-se basicamente no mesmo impasse: reputar àquele sujeito questões que não são de sua ambiência social e tentar depurar da particularidade de sua obra elementos que não se podem aplicar à coletividade do nosso tempo, inclusive porque ele mesmo não conseguiu convencer os seus contemporâneos da propriedade e da oportunidade de acatar suas reivindicações, excessivamente sinuosas. De igual modo, tampouco podemos lhe atribuir qualquer responsabilidade pela ordem estabelecida depois de deflagrada a abolição, que, ademais, não vingou nos seus termos e que já não fazem sentido noutra circunstância histórica. A particularidade histórica do caso não permite que a excelência do sujeito seja transferida para outra ocasião, por mais que queiramos e precisemos lhe conferir algum princípio de universalidade.

A obra de Joaquim Nabuco, por seu turno, permite uma visualização histórica, assim como suporta uma visada literária, desde que estendamos a compreensão da literatura para a narrativa histórica e aceitemos o valor simbólico de suas divagações subjetivas e reflexões, quer consideremos os aforismos constantes nos seus *Diários*, nos seus *Pensamentos soltos* ou no volume de *Minha formação*. De um modo ou de outro, a compreensão de história ou de literatura que venhamos depreender de sua escritura estará, necessariamente, animada por um estilo inconfundível, que, se não ficou entre nós como modalidade retórica adequada — haja vista que o modelo de Rui Barbosa foi o que vingou com mais força na tradição que se consolidou posteriormente —, é preciso reconhecer que sua voz e seu timbre marcaram época e fizeram história. Como seu desempenho na escrita está modulado por sua performance nos discursos públicos, é mais do que notória uma inflexão incomum no seu fraseado. A este respeito, espanta que nenhum de seus prefaciadores tenha detido uma nota sequer ao seu léxico, à

sua sintaxe, a seu estilo ou mesmo à tonalidade expressiva de sua prosa, como se não houvesse vínculo possível entre a dimensão simbólica de seus escritos e sua materialização linguística. Por outra, é como se a particularidade de sua escrita não dialogasse com a universalidade da representação que sua obra viesse a ter, conforme o interesse dos leitores. Ou então, o interesse dos leitores pudesse sobrepor-se à materialidade da obra, inclusive linguisticamente. Se assim for, talvez se explique o desinteresse pelas particularidades linguísticas da sua expressão, no que ela suporta de valor construtivo e representativo. Aliás, o valor representativo de sua obra sempre se dá por outras vias, alheias à da linguagem como objeto de reflexão, o que dá a entender que os elementos subjetivos do autor só pudessem ser depurados de seu perfil político ou social, mas nunca da representação simbólica que ele engendra nos interstícios dos seus discursos.

Passando à terceira obra escolhida, o livro *Joaquim Nabuco: correspondente internacional*, publicado pela Global em 2013, dispõe de dois volumes, três organizadores e quatro prefácios. Dos quatro prefácios, dois são voltados para a recepção e repercussão do jornalista Joaquim Nabuco na Inglaterra e no Uruguai. No primeiro país ele atuou como jornalista cuja colaboração era destinada àquele outro e ao Brasil. A cada um dos países estrangeiros foi devotada uma apreciação da produção jornalística nabuquiana em tamanho e perspectivas desiguais, sendo a britânica muito mais recheada de detalhes e interesses do que a uruguaia e, respectivamente, assinadas por Leslie Bethell e Adriana Mirel Clavijo. Antes disso, Leslie Bethell já havia organizado o volume *Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos*⁵ em parceria com José Murilo de Carvalho, que também é um dos organizadores e prefaciadores deste segundo volume. Do seu prefácio intitulado “Introdução geral” ao volume publicado em 2013, há um ponto de partida que atrapalha a percepção do autor, porque se pauta pela convicção de que ele não teria vocação, desejo ou vontade de ser jornalista, tal como anuncia já na primeira frase do seu texto: “Posto que sem vocação para o jornalismo, Joaquim Nabuco manteve relação estreita com a imprensa durante 25 anos de sua vida”.⁶ Afora a reivindicação moral de que a vocação condiciona o trabalho, como se o trabalho feito com vistas imediatas à remuneração fosse algum tipo de demérito, seu próprio texto cita algumas falas do

5. NABUCO, Joaquim. *Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos*. Organização e introdução Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho. Rio de Janeiro: ABL; Topbooks, 2008, 454 p.

6. CARVALHO, José Murilo de. “Introdução geral”. In: NABUCO, Joaquim. *Joaquim Nabuco: correspondente internacional*. op. cit., v. 1, p. 13.

autor que contradizem a hipótese do prefaciador, a exemplo de quando Nabuco diz: “se eu tivesse meios para isso, a minha única ambição seria fundar e dirigir no Brasil um jornal”, ou ainda, na mesma página, “Eu sempre desejei também ter um jornal”⁷. Não deixa de ser curioso que o prefaciador cite expressamente falas do autor para contradizer o que ele mesmo diz. Como o restante de seu texto se fia por esta hipótese que circunstancialmente adquire um cheiro de verdade, não podemos ignorar que Joaquim Nabuco esteja ali presente, mas não em seu retrato, e sim em negativo. Por isso, dos quatro prefácios constantes no volume, vou me deter no de Cícero Sandroni, que também é um de seus organizadores, seja porque não focaliza a atuação de Nabuco no exterior, seja porque intenta apresentar um perfil ao público brasileiro, independente de sua vinculação a interesses imediatos ou ideias preconcebidas.

O texto “Joaquim Nabuco, correspondente estrangeiro de jornais brasileiros”, assinado por Cícero Sandroni, já anuncia um recorte que considera o autor abordado na ambiência que lhe deu sustentação política e projeção pública. Seu início, formulado a partir de artigo de Múcio Leão, publicado na *Revista do Instituto* (IHGB) em 1949, quando já era membro da ABL, desenha um perfil de Nabuco que oscila entre o improvisado e a reflexão duradoura, oferecendo como contraponto as condições atuais das nossas redações, para as quais o telefone e a internet se colocam como instrumentos de trabalho, inacessíveis à época do autor em foco. Apesar disso, considerando a modalidade de texto que escrevia para o jornal e o espaço da página que ocupava, aqueles seus escritos se aproximariam hoje — segundo o prefaciador — dos textos de colaboradores, nas páginas de opinião, que nem sempre são remunerados. Diante de tais circunstâncias, o prefaciador cogita a existência de um “estilo” Nabuco, seja pelo espaço que ocupava nos jornais ou pelo tipo de notícia e escrita que fazia circular, mediadas por fontes primárias e por notícias exclusivas.

Ora, o entendimento de estilo que se depreende daí é mais pautado pelo modo de produzir o texto em determinada circunstância, de acordo com a modalidade discursiva em vigor, do que pelas suas variações e especificidades expressivas. Cumpre assinalar que, a despeito da visada um tanto funcional, este é um dos poucos leitores do abolicionista que enxerga o autor inscrito no plano simbólico pela sua produção linguística concreta, materializada no contexto de sua produção. Seguindo a perspectiva,

7. NABUCO, Joaquim. Apud CARVALHO, José Murilo de. “Introdução geral”. In: NABUCO, Joaquim. *Joaquim Nabuco: correspondente internacional*, op. cit., v. 1, pp. 13-4.

Joaquim Nabuco aparece como produto do meio material e intelectual que usufruiu, sem fantasias ou exageros, mas a par de suas circunstâncias e de seus contemporâneos. A constatação curiosa é justamente a de que a personalidade extraordinária de Joaquim Nabuco estaria condicionada, conforme o escopo acionado, pelos tempos e espaços percorridos por ela, o que seria facilmente identificável em qualquer sujeito passa a ser também ao nosso autor oitocentista.

Éverton Barbosa Correia é professor da UFPB e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, onde desenvolveu a tese *A poética do engenho: a obra de João Cabral sob a perspectiva canavieira*.